

Do Corpo Dilacerado ao Corpo Coletivo

Hélio Lima

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFRN

Mestrando – Pedagogias da Cena – Or. Prof. Dr. Jefferson Fernandes

Bolsa CAPES

Resumo: Inserida no contexto das ações educativas da Casa Renascer, entidade não-governamental, situada na cidade de Natal/RN, a qual tem como finalidade principal o acolhimento de crianças e adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade, está em andamento uma investigação, de nível de mestrado (PPGArC/UFRN), centrada na descrição e análise do processo criativo desenvolvido pela Asmarias Cia de Teatro, constituída por sete jovens, do sexo feminino, atendidas pela mencionada entidade. Entre os experimentos teatrais realizados por esta Cia de Teatro, apresentamos, neste artigo, o processo de criação do “Corpo Coletivo”, o personagem tema.

Palavras-chave: pedagogia do teatro, corpo, personagem, tema

Corpo meu / Meu corpo penso / Desequilibrado / Ereto, alquebrado / Pensa / Pensa que o corpo nada na alma / E entrança tudo no espaço / Do espaço universo / De dentro, do espaço pequeno de fora / Meu corpo é doxa / Retórica em forma e peso / Um complexo de palavras articuladas / Meu corpo diz minhas memórias / Implora e vagueia. (Poema criado pelo autor deste artigo como atividade da disciplina de Dança, Estética e Educação, UFRN, outubro, 2009)

Dedicamo-nos, aqui, na construção de um texto que ensaie e trace perspectivas do corpo no processo criativo do teatro, articulando um pensamento sobre a corporeidade com o experimento teatral denominado de *Corpo Coletivo* realizado por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no âmbito de uma organização não-governamental.

Com o objetivo de relacionar as discussões sobre dança, estética e educação, com experimentos teatrais nos quais o corpo é o tema, focalizamos as atenções em associar as abordagens corporais nas pesquisas de Gil (2004), Rodrigues (2005), Tibúrcio (2005), Porpino (2006) e Alves (2006), com a prática do processo criativo com crianças e adolescentes, transitando o discurso entre teoria e prática. Essas conjecturas teóricas possibilitaram pensar o corpo enquanto linguagem, sem perder de vista as análises históricas e sem deixar de compreender as vertentes artísticas a partir de investigações e processos criativos que envolvem os sentidos estéticos.

Na expressão estética contemporânea, o corpo no teatro opera no seu amplo sistema de linguagem. As imagens proporcionadas pelo movimento corporal levam a dança a tornar-se cada vez mais próxima do movimento teatral. Nesse entendimento, a abordagem do corpo contribui para a realização construtiva da criação teatral no momento em que os exercícios partem do pressuposto de que os sujeitos são em potencial capazes de se expressarem de várias formas, sem, no entanto, estarem fixados numa lógica

comunicacional que não leva em conta as formas estéticas do sentido. Os temas interagindo com o espaço, facilitam a compreensão sobre a corporeidade. Segundo Merleau-Ponty:

[...] o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. [...] quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o ultrapassa e confundir-me com ele. (Apud PORPINO, 2006, p. 20)

A nosso ver, a experiência do corpo numa dimensão reflexiva faz pensar nas possibilidades infinitas de tecer o discurso sobre ele. E, o corpo, ao ser desvelado a sua plasticidade, possibilita a incorporação dos opostos e das concepções dicotômicas como na relação natureza e cultura que se atenua como um todo estético, por meio da atuação simbólica do ator, jogador ou bailarino. Assim entendido, a corporeidade desencadeia uma estética pedagógica em que o processo ensino/aprendizagem permanece intrínseco ao movimento. Ou seja, o corpo é compreendido na sua complexidade ao vivenciá-lo. Só assim natureza e cultura constituem o universo do uno e do múltiplo. É a compreensão do ser humano como uno e ao mesmo tempo como múltiplo. “Somos, ao mesmo tempo, cultura e natureza, corpo e espírito, razão e emoção, numa simbiose que não pode ser desfeita” (PORPINO, 2006, p. 20).

Com efeito, o corpo é uma síntese do que somos. As oposições o concebem no seu tempo, ou melhor, ele é o seu contexto histórico modulado na forma material e espiritual. Essa simbiose que não se desfaz é o corpo inteiro que transcende, sem bifurcação, que vive as dualidades no seu interior.

Pensamos em um corpo real, esfacelado, contraditório, dramático, que utilizamos para nos orientarmos no labirinto do desconhecido da expressão corporal, do corpo edemaciado pelas histórias, marcas e vivências. É neste sentido que encontramos em José Gil (2004, p. 30) certa aproximação com a ideia do corpo desconectado: “A técnica Cunningham oferece o máximo de autonomia às partes do corpo, permitindo que séries de movimentos desconectados se desencadeiem e se desenrolem ao mesmo tempo no corpo”.

Para Rodrigues (2005), a dualidade Corpo e Alma, concebida por Platão, reflete na dança. Assim como se entende que o corpo se encontra à margem da sociedade, é admissível que, também, este corpo é um recipiente do inconsciente coletivo, em cuja interação do sagrado e do profano o significado da Dança se manifesta. Portanto, neste acontecer do manifesto, o corpo se expressa em um gradativo emocional.

Neste sentido, refletimos o espaço, o espaço inerente ao corpo, e uma anatomia simbólica. O corpo tanto como unidade quanto como forças opostas. Oposições distintas, variando nos contextos específicos. O corpo se expressando no seu habitat histórico e de

linguagem. Uma reflexão a partir do *Habitus* na acepção de Bourdieu (apud ALVES, 2006) como a história incorporada e reproduzida pelas expressões humanas. *Habitus* que atualiza e reativa a história corporificada.

O Corpo Coletivo e a personagem tema

Ao pensarmos o *Corpo Coletivo*, vem-nos logo a imagem do corpo em dança, em grupo. Mas, neste experimento, com o grupo de crianças e adolescentes, visualizamos o corpo em movimento na dimensão dramática, no exercício coletivo de construir uma figura que tivesse as marcas corporais de cada participante da oficina. É o resultado da criação de um personagem coletivo, de um personagem tema.

O grupo de crianças e adolescentes atendidas numa organização não-governamental criou uma personagem que passou a ser referência nos jogos teatrais e nas cenas improvisadas. Queríamos construir uma personagem que corporalmente fosse a criação do coletivo. Assim, as jogadoras se dividiram em pequenos grupos, e, cada grupo se dedicou a uma parte do corpo (a cabeça, braços, mãos, pés, pernas, entre outras partes).

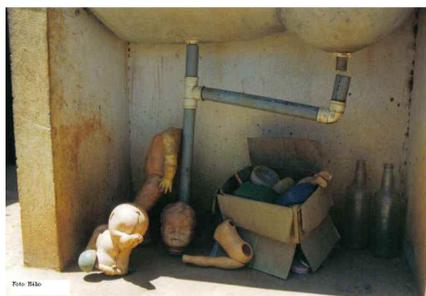


Imagem 1: caixa de brinquedos.

A partir da observação da caixa de brinquedos (Imagem 1) tivemos o impulso para planejar as atividades e jogos nas aulas de teatro que denominamos de “corpo coletivo”.

É com base na construção coletiva que os exercícios com as crianças e adolescentes se desenvolveram. Na caixa de brinquedos, guardada embaixo de uma lavanderia (imagem 1), observamos que os bonecos e bonecas estão dilacerados. As próprias crianças se encarregaram, nos seus jogos, nas suas brincadeiras espontâneas, em dilacerar os brinquedos. Pois bem, o que acontecerá quando a criança reiniciar o seu jogo lúdico? Ela vai reorganizar, de alguma forma a sua caixa de brinquedos, e poderá conectar os seus bonecos e bonecas, que poderão ressurgir com braços e pernas ou, mesmo, cabeças diferentes: um bebê com cabeça de elefante ou um braço no lugar da perna, ou

uma personagem com cabeça humana e o corpo de garrafa. Então, esta dilaceração do corpo, significado no objeto, acontece quando as crianças fazem de conta que são os pais e irmãos, em um contexto que reproduz a dinâmica real familiar, utilizando no seu jogo dramático os bonecos e bonecas os quais, muitas vezes, são desconectados e reconstruídos. Nas dinâmicas do *Corpo Coletivo*, vamos trazer este acontecimento espontâneo da “dilaceração do corpo” nas brincadeiras infantis para a prática lúdica orientada. A personagem criada coletivamente tornou-se o tema e passou a protagonizar as diversas situações dramáticas surgidas nos jogos de improvisação teatral.

Nas dinâmicas para formação do *Corpo Coletivo*, trabalhamos com alguns exercícios do *teatro imagem* com base na modalidade do Teatro do Oprimido (BOAL, 1998). Os procedimentos se deram com a divisão de grupos e do corpo humano. Cada grupo escolheu uma parte do corpo; em seguida apresentou as diversas formas de se expressar com a parte do corpo escolhida. Depois, desenhou, recortou e juntou a parte do corpo escolhida às partes dos outros grupos; formando, com isso, um corpo de uma menina. O corpo que surgiu não estava dentro dos padrões de beleza; sendo, portanto, o mote para discutirmos sobre as diferenças: “ninguém é igual a ninguém”. Esta discussão fez com que prosseguíssemos com a atividade, pois, para algumas jogadoras, aqueles braços fortes, desproporcionais, significavam outras qualidades como, por exemplo: gostar de ajudar as pessoas e por isso o corpo tinha a força de um braço forte; e, como a personagem usava a cabeça para fazer as coisas, justificava a cabeça grande. Para outras jogadoras a figura formada (ver imagem 2) era uma modelo, vaidosa e alegre.

A partir da imagem, da forma que a personagem, corporalmente, foi concebida, e da definição de alguns pontos cruciais inerentes ao caráter da personagem, foram construídas narrativas que contemplavam fragmentos biográficos que traduziam a presença das jogadoras no corpo coletivo construído.



Imagem 2: *Corpo Coletivo*

Dondinha tinha 14 anos e frequentava a casa renascer (organização não-governamental onde eram realizadas as oficinas de teatro). Em uma das histórias, Dondinha era uma menina que vendia doces no sinal e deixava de ir para a escola.

Podemos ver que o corpo de “Dondinha” foi construído por partes que se constituíram num todo orgânico. Ou estas partes, organicamente, crescem a partir de outras partes ou são acopladas como peças desgarradas do corpo.

Em suma, a partir da criação corporal de uma figura coletiva, foi construída uma história de vida para a personagem chamada “Dondinha”, como já foi anteriormente mencionado. Então, em seguida, tendo a personagem como tema, o grupo delimitou algumas regras do jogo com base nas dimensões do Onde, Quem e O quê, proposta por Spolin (1987). Norteados por estas referências, iniciou-se as cenas improvisadas.

Quando tratamos do corpo dilacerado estávamos, com isso, buscando as formas de reconhecer e sentir o corpo como um todo. E o experimento de promover a conexão deste corpo, criado coletivamente, e personificado como a síntese do grupo, demos o nome de *Corpo Coletivo*: o corpo dilacerado em jogo. Atividade inspirada nas brincadeiras infantis e na reconstrução, conexão do brinquedo, como a criação temática do jogo cênico. Um corpo que ao ser personificado pela criação de sua constelação, contexto que está inserido e história de vida, tornou-se o personagem tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Teodora. *Heranças de corpos brincantes: Saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras*, Natal, RN. EDUFRRN – Editora da UFRN, 2006.

BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e não Atores*. RJ: Civilização Brasileira; 1998.

GIL, José. *O Corpo e a Dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

FERNANDES, Ciane. *Pina Baush e o Wuppertal dança-teatro: repetições e transformações*. São Paulo: Hucitec, 2000.

LIMA, Hélio Jr. R (Roteiro e direção). Casa Renascer, TOM –Teatro Oficina Montagem-*Entre o Sonho e a Realidade* [Conversão VHS para DVD] Gênero: audiovisual/Documentário. Natal: HGN Vídeo Produções, 2002. (00:15:20 min.).

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal-RN: EDUFRRN, 2006.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. *Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Trad. Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos). São Paulo: Perspectiva, 1987.

TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques. *A poética do corpo no mito e na dança butô: por uma educação sensível*. Tese (Doutorado em Educação). Natal: UFRN, 2005.